

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido**PÍLULAS DE REALIDADE: dispositivo pedagógico da mídia e regimes de
verdade sobre gênero**Carolina Burda Fernandes¹
Dayana Brunetto²

Resumo: Este artigo analisa o livro *Pílulas de realidade: Autoconhecimento, Propósito, Dinheiro e Mulheres*, de Thiago Schutz (2022), figura associada à filosofia Red Pill no Brasil. O objetivo é identificar os enunciados e estratégias discursivas por meio dos quais são produzidas interpretações sobre masculinidades, feminilidades e relações afetivas. Metodologicamente, realiza-se uma análise discursiva ancorada nas noções de regimes de verdade e condições de possibilidade histórica de Michel Foucault (1988, 2008, 2009, 2010, 2015, 2019) articuladas às contribuições de Judith Butler (2000, 2018, 2019, 2020) Donna Haraway (2009), Paul Preciado (2018) e Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Os resultados evidenciam três eixos recorrentes: a mobilização de dados e referências pseudocientíficas para legitimar interpretações de gênero; a construção de narrativas sobre o comportamento feminino; e a formulação de prescrições sobre o comportamento masculino. Tais discursos operam pedagogicamente ao naturalizar hierarquias de gênero, produzir fronteiras entre masculinidades e feminilidades legítimas e abjetas e difundir narrativas de vitimização masculina. Conclui-se que esses conteúdos, ao circularem em livros, podcasts e redes sociais digitais, integram um dispositivo pedagógico da mídia que atua na produção de subjetividades masculinas atravessadas por ressentimento e na normalização de desigualdades e violências de gênero.

Palavras-chave: Machosfera. Educação. Masculinidades. Pedagogias informais. Gênero.

REALITY PILLS: Media pedagogical device and regimes of truth about gender

¹Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Pesquisa sobre gênero, sexualidade e educação. carolina.burda@ufpr.br.

²Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Paraná. Pesquisa sobre gênero, sexualidade e educação. dayanabrunetto@ufpr.br.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Abstract: This article analyzes the book *Reality Pills: Self-Knowledge, Purpose, Money and Women*, by Thiago Schutz (2022), a figure associated with Red Pill philosophy in Brazil. The objective is to identify the statements and discursive strategies through which interpretations of masculinities, femininities and affective relationships are produced. Methodologically, the study develops a discursive analysis grounded in Michel Foucault's notions of regimes of truth and historical conditions of possibility (1988, 2008, 2009, 2010, 2015, 2019), articulated with the contributions of Judith Butler (2000, 2018, 2019, 2020), Donna Haraway (2009), Paul Preciado (2018) and Rosa Maria Bueno Fischer (2002). The results reveal three recurring analytical axes: the mobilization of data and pseudo-scientific references to legitimize interpretations of gender; the construction of narratives about female behavior; and the formulation of prescriptions regarding male conduct. These discourses operate pedagogically by naturalizing gender hierarchies, producing boundaries between legitimate and abject masculinities and femininities, and disseminating narratives of male victimization. The analysis concludes that, as these contents circulate through books, podcasts and digital platforms, they become part of a media pedagogical device that contributes to the production of male subjectivities marked by resentment and to the normalization of gender inequalities and violence.

Keywords: Manosphere. Education. Masculinities. Informal pedagogies. Gender.

PÍLDORAS DE REALIDAD: dispositivo pedagógico de los medios y regímenes de verdad sobre el género

Resumen: Este artículo analiza el libro *Pímulas de realidade: Autoconhecimento, Propósito, Dinheiro e Mulheres*, de Thiago Schutz (2022), figura asociada a la filosofía Red Pill en Brasil. El objetivo es identificar los enunciados y las estrategias discursivas mediante las cuales se producen interpretaciones sobre masculinidades, feminilidades y relaciones afectivas. Metodológicamente, se realiza un análisis discursivo anclado en las nociones de regímenes de verdad y condiciones de posibilidad histórica de Michel Foucault (1988, 2008, 2009, 2010, 2015, 2019), articuladas con las contribuciones de Judith Butler (2000, 2018, 2019, 2020), Donna Haraway (2009), Paul Preciado (2018) y Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Los resultados evidencian tres ejes recurrentes: la movilización de datos y referencias pseudocientíficas para legitimar interpretaciones sobre el género; la construcción de narrativas sobre el comportamiento femenino; y la formulación de prescripciones sobre el comportamiento masculino. Tales discursos operan pedagógicamente al naturalizar jerarquías de género, producir fronteras entre

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

Realização



Apoio

8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

masculinidades y feminilidades legítimas y abyectas, y difundir narrativas de victimización masculina. Se concluye que estos contenidos, al circular en libros, podcasts y redes sociales digitales, integran un dispositivo pedagógico de los medios que actúa en la producción de subjetividades masculinas atravesadas por el resentimiento y en la normalización de desigualdades y violencias de género.

Palabras clave: Machosfera. Educación. Masculinidades. Pedagogías informales. Género.

INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresentamos uma análise do livro *Pílulas de realidade: Autoconhecimento, Propósito, Dinheiro e Mulheres*, escrito por Thiago Schutz (2022). Thiago é um dos expoentes da “filosofia” *Red Pill* no Brasil, e se apresenta em seu site³ como escritor e palestrante (Schutz, s.d.) Thiago acumula diversas participações em *podcasts*⁴ com temáticas relacionadas à *Red Pill*⁵, mantendo inclusive, em determinado período, o *podcast Pink & Pill*, descrito como um espaço para discussões sobre “Relacionamento, Experiência e Histórias reais”. O programa conta com um canal no YouTube registrado em março de 2022, que reúne atualmente 31,4 mil inscritos, 109 vídeos publicados e um total de 1.593.982 visualizações, indicando uma circulação significativa desses conteúdos nas redes digitais. Thiago é autor de mais quatro livros, além deste analisado aqui, todos com a mesma temática, autopublicados através de seu próprio selo editorial chamado “Expansão Masculina”. Estes materiais que também compõem o conjunto de produções discursivas associadas ao autor.

A obra está organizada em 50 “pílulas”, pequenos textos que apresentam conselhos e interpretações sobre diferentes aspectos da vida masculina, sendo a maioria direcionada ao comportamento feminino, ao comportamento masculino e às relações

³ Disponível em: <https://thiagoschutz.com> Acesso em: 12/03/2026

⁴ Podcast é um programa de áudio digital disponibilizado na internet, semelhante a um programa de rádio, mas que pode ser ouvido sob demanda. (OLHAR DIGITAL, 2025).

⁵ Refere-se a uma metáfora inspirada no filme *Matrix* (1999), em que tomar a “pílula vermelha” simboliza despertar para uma suposta realidade oculta. (Valle, 2023).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

**8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

entre homens e mulheres. Esse formato, baseado na oferta de orientações e interpretações sobre a vida cotidiana, aproxima-se da formatação típica de manuais de conduta, nos quais os sujeitos são convidados a refletir sobre si mesmos e a ajustar suas práticas e comportamentos, como por exemplo o *Manual das escolas cívico-militares* (Brasil, 2020) e o *Manual do aluno: Colégios da Polícia Militar do Paraná* (Estado do Paraná, 2021). (Nesse sentido, os enunciados presentes na obra podem ser compreendidos como parte de práticas discursivas que orientam formas de condução da própria vida, funcionando de maneira semelhante ao que Michel Foucault denomina tecnologias de si, isto é, práticas pelas quais os indivíduos realizam operações sobre seus pensamentos, condutas e modos de ser com o objetivo de transformar a si mesmos e alcançar determinados modos de existência socialmente valorizados (Foucault, 1988).

Em dezembro de 2024 foi publicada a pesquisa “*Aprenda a evitar ‘este tipo’ de mulher: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube*”, realizada pelo Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais (NetLab) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com apoio do Ministério das Mulheres. O mapeamento identificou pelo menos 137 canais brasileiros que produzem conteúdos misóginos, os quais somavam cerca de 3,9 milhões de visualizações no período analisado (Santini et al., 2024; Valenga, 2025)

Entre os canais mapeados, 80% utilizam algum tipo de monetização, seja através da própria plataforma Youtube, seja através do direcionamento dos usuários para outro tipo de produto vinculado ao conteúdo produzido, como livros, cursos e mentorias que possuem valores variados e chegam a custar R\$ 397,00, no caso de livros, e até R\$ 2.000,00 no caso de cursos e mentorias. A pesquisa indica, ainda, que existe um maior percentual de monetização nos canais que apresentam conteúdos explicitamente misóginos do que nos demais canais da plataforma, o que demonstra a existência de um ecossistema digital no qual esse tipo de discurso passar a ter também valor como produto e serviço comercializável (Santini et al., 2024).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Esses discursos também tem circulado e ganho visibilidade nos noticiários e no debate público. Em Março de 2026 um caso ganhou grande repercussão na mídia brasileira quando um dos acusados pelo estupro coletivo de uma adolescente de 17 anos, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Copacana, se apresentou à polícia usando uma camiseta com a frase “*Regret Nothing*”, em tradução livre, “Não se arrependa de nada”. A escolha da camiseta gerou indignação nas redes sociais e na mídia televisiva por sua associação a discursos circulantes na machosfera e a influenciadores ligados a *Red Pill* (O GLOBO, 2026). A expressão foi associada ao influenciador estadunidense Andrew Tate, que é conhecido por difundir conteúdos misóginos nas redes sociais e é considerado uma referência em comunidades digitais que promovem discursos de masculinidade misógina (TERRA, 2026). No contexto brasileiro, debates semelhantes aconteceram quando o influenciador, e autor do livro analisado nesse artigo, foi preso em flagrante no final de 2025 acusado de violência doméstica contra sua namorada (TERRA, 2025)

Essa análise se ancora na noção foucaultiana de regimes de verdade (2019) e, a partir dessa perspectiva, os discursos não são tomados como expressões isoladas, despretensiosas e individuais, e sim como práticas que estão inseridas em relações de poder-saber que regulam sua produção, emergência e circulação. Articulada a essa noção, mobilizamos a noção de condição de possibilidade histórica, que nos possibilita analisar os discursos como produções situadas em determinados contextos históricos e permeados por relações de poder-saber. Tais relações fazem funcionar a emergência e a circulação desses discursos. (Foucault, 2008)

Tensionamos essa abordagem através da obra de Judith Butler (2017; 2018; 2019) para tratar do processo de naturalização do gênero, e trazemos, também, as contribuições de Donna Haraway (2009) e Paul Preciado (2018) para problematizar os modos pelos quais a biologia, os hormônios e a natureza são mobilizados como

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

**8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

dispositivos tecnocientíficos que conferem aparência de “naturalidade” a convenções históricas e culturais que regulam o gênero na contemporaneidade.

A partir dessa tecitura teórica, mobilizamos também a noção de dispositivo pedagógico da mídia, proposta por Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Nesse sentido, tomamos o livro analisado não como um objeto isolado, mas como parte de um aparato discursivo mais amplo que circula nas redes sociais digitais e que ao produzir “verdades” sobre masculinidade, feminilidade, relações afetivas e comportamentos de gênero, atua em processos pedagógicos informais de produção de subjetividades misóginas.

Portanto, ao analisar o livro *Pílulas de realidade: Autoconhecimento, Propósito, Dinheiro e Mulheres* (2022) buscamos identificar os enunciados e estratégias discursivas através das quais são produzidas determinadas interpretações de gênero, comportamentos e formas de se relacionar. Nesse sentido, nos interessa evidenciar de que maneira essas “pílulas” produzem e fazem circular saberes sobre o comportamento feminino e masculino, através das redes sociais digitais, atuando na produção de determinadas subjetividades masculinas. Desta forma, a análise se volta para recortes do livro que evidenciam como esses discursos são produzidos por um regime de verdade específico sobre o gênero e atuam de forma pedagógica na produção de modos de sentir, se colocar no mundo e colocar em prática tais ensinamentos nas relações entre homens e mulheres.

MASCULINIDADES E FEMINILIDADES EM DISPUTA: ANÁLISE DOS DISCURSOS

Para esta análise, foram selecionados recortes do livro que evidenciam regularidades nos modos como são produzidas as interpretações sobre homens, mulheres e relações afetivas. Os discursos presentes no livro podem ser analisados a partir do que Rosa Maria Bueno Fischer (2002) denomina como discurso pedagógico da

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



mídia, ou seja, um conjunto de práticas e artefatos midiáticos que produzem e fazem circular saberes que são capazes, de orientar modos de interpretar o mundo e constituir os sujeitos. Fazendo parte de uma rede mais ampla associada ao universo *Red Pill*, que inclui vídeos, *podcasts*, cursos e publicações digitais, o livro atua como um manual de conduta que oferece orientações sobre como os homens devem interpretar o comportamento feminino e de que maneira devem direcionar suas ações nas relações afetivas, a partir disso. A análise demonstra que um aspecto recorrente nesses enunciados é a mobilização de uma linguagem que busca conferir legitimidade científica às afirmações apresentadas. Isso ocorre frequentemente por meio da menção a “pesquisas”, “estudos” ou “dados” que sustentam essas afirmações. Entretanto, não há alusão a publicações, a explicações metodológicas ou à confiabilidade desses dados. Ao apresentar essas interpretações sobre as relações entre homens e mulheres como resultados de investigações científicas, o autor busca produzir um efeito de “verdade” que sustenta a autoridade e a legitimidade de sua fala. Ao apresentar o que denomina *Red Flags*⁶ femininas, por exemplo, o autor afirma que: “Todas as Red Flags são fruto de estudos, pesquisas e relatos reais de centenas de homens que seguem minha própria página e acompanham meu trabalho” (Schutz, 2023, p. 56). Neste tipo de formulação observamos a mobilização de uma estratégia discursiva que busca legitimar o enunciado a partir da reivindicação de um estatuto de ciência, que podemos compreender a partir de Michel Foucault como uma relação de poder-saber por meio da qual determinados discursos produzem sua autoridade ao se apresentarem como portadores do conhecimento “verdadeiro” (FOUCAULT, 2008).

Nesse sentido, a biologia também é utilizada como fundamento explicativo para as diferenças entre homens e mulheres. Em diversos momentos o livro atribui comportamentos sociais e características supostamente “naturais” ou “instintivas”. Em

⁶ As *red flags*, ou bandeiras vermelhas, são sinais de alerta que indicam problemas potenciais em um relacionamento, como controle excessivo, ciúmes desmedidos, desprezo, zombarias ou manipulação emocional. Embora geralmente estejam associadas a relações amorosas, podem se aplicar a qualquer outro tipo de vínculo. (Pernas, 2025)

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

um dos trechos, por exemplo, o autor afirma que: “Homens e mulheres são bastante diferentes em termos instintivos, biológicos e comportamentais” (Schutz, 2023, p. 77). Esse tipo de afirmação mobiliza a biologia como um saber capaz de legitimar as interpretações sobre as relações de gênero, conferindo “naturalidade” para as hierarquias sociais de gênero. As contribuições de Donna Haraway (2009) problematizam esse tipo de discurso ao evidenciar que a própria biologia participa da produção das narrativas sobre “natureza” e diferença. De acordo com a autora, os conhecimentos científicos não apenas descrevem a realidade, mas produzem os modos de compreender os corpos e suas relações, dentro de contextos históricos, políticos e culturais específicos.

Judith Butler (2017) tensiona a naturalização das diferenças a partir da sua teoria de performatividade de gênero, através da argumentação de que o gênero não expressa uma essência biológica pré existente, mas é o efeito reiterado de práticas discursivas e sociais que produzem a aparência de uma identidade estável. A partir dessa perspectiva, aquilo que aparece frequentemente como um comportamento “natural” feminino ou masculino, pode ser compreendido como efeito de uma repetição da norma regulatória de gênero. Inspirada na noção derridiana de iterabilidade (Derrida, 1988), a autora evidencia que as normas de gênero se tornam inteligíveis e ganham o aspecto de “naturalidade” porque são reiteradas continuamente em práticas e discursos cotidianos. Ou seja, não há uma essência prévia masculina ou feminina, e sim uma repetição das normas sociais que produzem e dão caráter de estabilidade a essas identidades. A forma reiterada com que determinados comportamentos são associados a explicações biológicas contribui para que essas normas sejam percebidas como evidências naturais.

Ao estabelecer esses padrões de comportamento adequados para homens e mulheres, os discursos *Red Pill* atuam também na produção de fronteiras de reconhecimento que determinam a inteligibilidade, ou não, dos corpos. Ou seja, quais são os corpos que terão reconhecimento social e quais serão relegados à abjeção

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

 **8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

(Butler, 2017). Para Butler (2020) o abjeto são as vidas ou corpos que ainda não são constituídos como “sujeitos” e ocupam zonas da vida social que são considerada “inóspitas” ou “inabitáveis”. O abjeto, nesse sentido, não designa apenas aquilo que está fora da norma, mas o que precisa ser continuamente excluído para que outros corpos sejam considerados legítimos.

No contexto dos discursos *Red Pill* é possível observar a produção reiterada de figuras abjetas, que são frequentemente relacionadas à mulheres feministas, mães solteiras, mulheres promíscuas e no caso dos homens àqueles que são “desconstruídos”, sensíveis ou que não correspondem ao ideal hegemônico de masculinidade. Esses corpos que são alvo de desprezo e desqualificação, executam uma função constitutiva, pois é a partir de sua rejeição que é possível afirmar e estabilizar o modelo de masculinidade e feminilidades considerados legítimos.

A circulação reiterada desses discursos contribui, também, para a formação de comunidades que passam a se reconhecer coletivamente a partir de uma percepção de injustiça ou opressão. Para Butler (2018), essa percepção compartilhada pode produzir formas de agregação política entre sujeitos que passam a se perceber como parte de uma mesma existência social. A noção da autora de Corpos em Assembleia demonstra como os corpos adquirem visibilidade política quando se reúnem em assembleia constituindo, de forma coletiva, reivindicações e reconhecimento público. Podemos notar o movimento de formação de uma espécie de assembleia em relação aos discursos analisados em torno da ideia de que os homens estariam sendo prejudicados de forma sistemática por acusações falsas e/ou por legislações que favoreceriam as mulheres. Nesse sentido, se torna relevante destacar que ao contrastar esses discursos com dados estatísticos disponíveis sobre as violências de gênero no Brasil, os enunciados mostram um descompasso significativo em relação ao cenário apresentado por pesquisas científicas e censos estáveis e oficiais. O Atlas da Violência (2025) mostra que a violência contra as mulheres segue sendo um problema estrutural no nosso país, com a

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



estagnação com tendência de alta dos índices de violência contra as mulheres e com a concentração das violências no espaço doméstico. (Cerqueira et al., 2025).

Outra dimensão recorrente nos discursos analisados está relacionada à produção de um ideal normativo de comportamento masculino, que está associado à força física, a dominância e a virilidade, que é frequentemente articulado à noção de testosterona como marcador biológico de masculinidade. Essa operação discursiva pode ser analisada a partir das contribuições de Paul Preciado em *Testo Junkie* (2018). Nesta obra o autor analisa o modo como os hormônios, em especial a testosterona, passam a atuar na contemporaneidade como tecnologias biopolíticas na produção do gênero. De acordo com o autor, as substâncias hormonais, como a testosterona não são apenas dados biológicos, mas atuam também como dispositivos tecnocientíficos que participam da produção dos modelos normativos de feminilidade e masculinidade a partir da articulação de saberes científicos, da indústria farmacêutica e de imaginários sociais sobre corpo e gênero. Assim, a testosterona se torna um significante central na produção do ideal de masculinidade, associado à força, à agressividade e à “capacidade de proteção”. Esse imaginário aparece de forma explícita na obra analisada quando o autor afirma que: “Independente do país em que você vive ou qual cultura você está inserido, o homem com o corpo forte e atlético sempre chama atenção das mulheres, porque é o principal indicador (desde sempre) de proteção física” (Schutz, 2023, p. 23). A expressão “desde sempre”, nesse sentido, mobiliza uma estratégia de naturalização semelhante àquela evidenciada por Michel Foucault (2019) em *História da Sexualidade I*, quando o autor demonstra de que forma os discursos sobre sexo e corpo se apresentam frequentemente como verdades naturais e universais, ocultando os processos históricos, políticos e locais que os produziram.

Nesse mesmo sentido, Butler (2017) demonstra que o gênero não se constitui uma “essência natural” e sim o efeito de práticas discursivas, que incluem o dito e o não dito, produzindo uma aparência de uma identidade estável e de origem biológica. A

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS **gesepe.ufma**

Realização



Apoio

**8 a 10 de abril de 2026**
Evento híbrido

partir dessa perspectiva, a associação entre masculinidade e força física e capacidade de proteção pode ser compreendida como parte de um processo de produção normativa do gênero que ganha o caráter de estável a partir da reprodução desses enunciados. Para além da obra analisada, esse imaginário aparece em categorias que são de uso recorrente na chamada machosfera⁷, como as classificações “Chad” e beta” que são utilizadas para organizar uma hierarquia masculina baseada em atributos físicos, sexuais e de comportamento. A reportagem que analisa essas comunidades indica que o termo “Chad” é utilizado para designar homens que são considerados atraentes, dominantes e bem sucedidos sexualmente enquanto “beta” se refere a homens percebidos como menos dominantes ou menos desejáveis dentro dessa lógica hierárquica masculinista (NEXO JORNAL, 2025). Estas categorias reforçam também a centralidade desses atributos como força física, aparência e virilidade como critérios de reconhecimento masculino. evidenciando como discursos biologizantes sobre o corpo masculino participam da produção e circulação de discursos normalizadores de masculinidade nas redes sociais digitais.

A terceira dimensão recorrente nos discursos presentes no livro analisado, refere-se a produção de prescrições sobre o comportamento feminino que se organizam a partir de uma lógica classificatória, estabelecendo juízos de valor e desejabilidade para as mulheres. Um dos “conceitos” mobilizados pelo autor é o chamado “Valor Sexual de Mercado” (VSM), categoria utilizada para atribuir às mulheres e aos homens um valor relacional. No caso das mulheres, baseia-se em atributos como aparência física, juventude - agregada a fertilidade nesses espaços - e comportamento sexual. No caso dos homens, status social, carreira e dinheiro compõem o VSM. Nessa lógica, o autor afirma que o pico do VSM feminino ocorreria por volta dos 23 anos de idade e a partir daí começaria a declinar progressivamente. O livro também traz as dez “Red

⁷ O termo *machosfera* refere-se a um conjunto de comunidades e subculturas digitais masculinas que se organizam principalmente em fóruns, redes sociais e plataformas de vídeo, nas quais circulam discursos antifeministas e interpretações específicas sobre relações entre homens e mulheres. (Valenga, 2025).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Flags” femininas, entre as quais estão ser mãe solteira, feminista, ter problemas com o pai e consumir álcool em contextos sociais, reforçando a ideia de que os homens deveriam manter atenção constante ao comportamento feminino.

Por fim, nos preocupa e nos interessa saber mais, e para isso dedicamos outros trabalhos acerca do ressentimento masculino que sustenta diretamente as violências contra as mulheres. Nesse sentido, observamos que a obra analisada é permeada por discursos que orientam sobre a manutenção da hierarquização dos corpos, com a dominação masculina e a subserviência feminina. Isto se evidencia em trechos nos quais o autor diz que o homem tem que se posicionar hierarquicamente acima da mulher tanto nas relações afetivas, quanto nas relações sociais e econômicas. Ao longo do livro, os comportamentos classificados como inadequados nas mulheres aparecem como justificativa para sentimentos de desprezo, frustração e raiva, como no trecho em que o autor comenta sobre a “*Black Pill*”, que segundo ele seria a fase “despluge da Matrix”. Isto é, quando o homem descobre a “verdade” sobre o comportamento feminino. Apesar do autor considerar que essa é uma fase transitória, ele explica que

“Nessa fase é comum alguns homens sentirem uma gama de sentimentos negativos relacionados às mulheres, como raiva, amargura, ódio e tristeza. A verdade, na maioria das vezes é dolorosa. Entenda que isso é completamente normal. Esses sentimentos são uma resposta natural e muito legítima para algo que você acreditou ser uma injustiça.” (SCHUTZ, 2022, p. 130)

A recorrência desse tipo de enunciado contribui para produção de narrativas que consideram que determinadas atitudes femininas, como a recusa a uma relação, demonstrar autonomia e independência ou mesmo divergir das expectativas criadas sobre as mulheres, por exemplo, poderiam ser interpretadas como injustiças dirigidas aos homens. Entendemos que esse tipo de formulação não só organiza a hierarquização de gênero, mas centraliza e reifica o referencial como o homem, naturalizando as respostas masculinas baseadas em ressentimento e/ou controle. Quando esses discursos se proliferam e circulam nas redes sociais digitais e no cotidiano, podem contribuir para

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

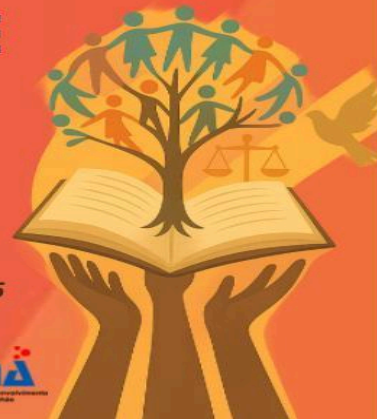
Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



a legitimação simbólica de comportamentos de controle e vigilância, e de outros tipos de violências como a psicológica, a física e a sexual contra as mulheres. Um exemplo recente dessa dinâmica é a viralização da trend⁸ “treinando caso ela diga não”, na qual usuários simulam reações violentas diante da possibilidade de uma mulher recusar um pedido de namoro ou casamento. Segundo a reportagem do site G1, os vídeos reproduzem encenações de agressões físicas como socos e golpes com facas e acumulam milhares de interações nas plataformas digitais. Isto gerou grande repercussão pública acerca da naturalização da violência contra as mulheres nesse tipo de conteúdo (Muniz; Silva, 2026). A circulação e o número de interações com esse tipo de conteúdo evidencia como determinados discursos sobre masculinidade e relações de gênero que emergem nas redes sociais, ultrapassam o campo das opiniões individuais e produzem subjetividades misóginas.

CONCLUSÃO

A análise realizada possibilita compreender que o livro em questão, assim como outros conteúdos que circulam na machosfera, participam da produção e difusão de discursos que naturalizam hierarquias de gênero e atribuem aos homens uma posição de autoridade e superioridade em relação às mulheres. Ao mobilizar argumentos biologizantes, interpretações distorcidas e classificações normativas de corpo/comportamento masculino e feminino. Esses discursos produzem narrativas que colocam a subordinação feminina com algo “natural”, inevitável ou justificável. Nesse sentido, as mulheres passam a ser frequentemente representadas como responsáveis pelas frustrações masculinas ou como potenciais ameaças aos homens, o que corrobora a legitimidade de sentimentos de ressentimentos e normaliza casos de violência.

⁸ O termo é utilizado nas redes sociais para designar um conteúdo ou formato que ganha grande popularidade em determinado período e passa a ser reproduzido por muitos usuários, como desafios, danças, frases ou imagens que se espalham rapidamente na internet (Syozi, 2024).

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIIDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 [gesepe.ufma](https://www.instagram.com/gesepe.ufma)

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



Quando analisados a partir da perspectiva pós estruturalista mobilizada nesse trabalho, esses enunciados podem ser compreendidos não apenas como opiniões isoladas, mas como práticas discursivas que atuam na produção de subjetividades misóginas. Nesse sentido, ao serem reiterados em *podcasts*, livros, vídeos e outros conteúdos que circulam nas redes sociais digitais, entendemos que tais discursos passam a funcionar como dispositivos pedagógicos da mídia (Fischer, 2022) que ensinam modos de interpretar o mundo, de compreender as relações entre os gêneros e posicionam os sujeitos nessas relações. Desta forma, os conteúdos da machosfera podem ser entendidos como parte de processos educativos não formais que produzem e reforçam modelos de masculinidade baseados na hierarquização e na legitimação de direitos e posse masculinos sobre os corpos e as decisões das mulheres.

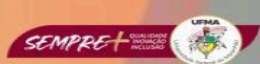
Diante desse cenário, compreender como esses discursos operam torna-se fundamental para evidenciar os modos pelos quais determinados enunciados contribuem para a manutenção das hierarquizações de gênero e para a normalização de diversas formas de violência contra as mulheres. Identificar essas produções discursivas como parte de um dispositivo pedagógico que atua na constituição de subjetividades torna possível reconhecer que a resistência a esses discursos não se limita ao nível jurídico-penal, mas se insere como uma prática política e de educação. Nesse sentido, tensionar, problematizar e desnaturalizar essas narrativas pode se constituir numa estratégia fundamental para construção de formas de sociabilidades outras que afirmem a autonomia das mulheres e contribuam para a garantia de suas vidas diante das múltiplas violências que ainda atravessam as relações de gênero na contemporaneidade.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido

Realização



Apoio



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Manual das escolas cívico-militares**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. Acesso em: 14 mar. 2026.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-172.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. Tradução de Peter Pál Pelbart et al. São Paulo: n-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CERQUEIRA, Daniel et al. **Atlas da violência 2025**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2025. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5999-atlasdaviolencia2025.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2026.

DERRIDA, Jacques. **Signature, event, context**. In: GRAFF, Gerald (ed.). **Limited Inc**. Evanston: Northwestern University Press, 1988.

DICIO. **Meme**. Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/meme/>. Acesso em: 13 mar. 2026.

ESTADO DO PARANÁ. Polícia Militar do Paraná. **Manual do aluno: colégios da Polícia Militar do Paraná**. Curitiba: PMPR, 2021. Disponível em: https://cpmlondrina.com.br/wp-content/uploads/2018/01/MANUAL_DO_ALUNO_2C_PM.pdf. Acesso em: 14 mar. 2026.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/LJ6Y9YkF3kZxq9xqV8nV8YH/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2026.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES
DA PRECARIÉDADA DOS CORPOS À GARANTIA DOS
DIREITOS HUMANOS

 **gesepe.ufma**

Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



FOUCAULT, Michel. **As técnicas de si**. In: HUTTON, Patrick H.; GUTMAN, Huck; MARTIN, Luther H. (org.). **Technologies of the Self: a seminar with Michel Foucault**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1988. p. 16-49.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização de Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. In: TADEU, Tomaz (org. e trad.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 33-118.

MUNIZ, Bianca; SILVA, Camila da. **“Treinando caso ela diga não”: vídeos simulam agressões a mulheres que recusam namoro e casamento e viralizam no TikTok**. G1, 9 mar. 2026. Disponível em:
<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2026/03/09/treinando-caso-ela-diga-nao-videos-simulam-agressoes-a-mulheres-que-recusam-namoro-e-casamento-viralizam-no-tiktok-g1.html>. Acesso em: 11 mar. 2026.

NEXO JORNAL. **Machismo, mulher e violência de gênero: como a machosfera atua nas redes sociais**. 19 jun. 2025. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2025/06/19/machismo-mulher-violencia-de-genero-machosfera-redes-sociais-internet>. Acesso em: 11 mar. 2026.

O GLOBO. **“Regret Nothing”: camisa de acusado de estupro coletivo ao ser preso gera indignação por referência misógina**. Rio de Janeiro: O Globo, 9 mar. 2026. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2026/03/09/regret-nothing-camisa-de-acusado-de-e-stupro-coletivo-ao-ser-preso-gera-indignacao-por-referencia-misogina-g1.html>. Acesso em: 10 mar. 2026.

PIERNAS, María. **O que são red flags: significado e exemplos**. Psicologia-Online, 30 abr. 2025. Disponível em:
<https://br.psicologia-online.com/o-que-sao-red-flags-significado-e-exemplos-2147.html>. Acesso em: 11 mar. 2026.

PRECIADO, Paul B. **Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era**

EDUCAÇÃO, GÊNEROS E SEXUALIDADES DA PRECARIEDADE DOS CORPOS À GARANTIA DOS DIREITOS HUMANOS



Realização



Apoio



8 a 10 de abril de 2026
Evento híbrido



farmacopornográfica. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SANTINI, R. Marie et al. **“Aprenda a evitar ‘esse tipo’ de mulher”: estratégias discursivas e monetização da misoginia no YouTube**. Rio de Janeiro: NetLab – Laboratório de Estudos de Internet e Redes Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2024.

SCHUTZ, Thiago. **Pílulas de realidade: autoconhecimento, propósito, dinheiro e mulheres**. 2. ed. rev. Salto, SP: Expansão Masculina, 2022.

SCHUTZ, Thiago. **Thiago Schutz – livros, mentorias e conteúdos sobre masculinidade e relacionamentos**. Disponível em: <https://thiagoschutz.com/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SYOZI, Ricardo. **O que é uma trend?** Canaltech, 11 fev. 2024. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/o-que-e-uma-trend/>. Acesso em: 14 mar. 2026.

TERRA. **Quem é Andrew Tate, influenciador misógino citado como inspiração de ‘lema’ estampado em camiseta de réu por estupro coletivo do Rio**. Terra, 10 mar. 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/quem-e-andrew-tate-influenciador-misogino-citado-como-inspiracao-de-lema-estampado-em-camiseta-de-reu-por-estupro-coletivo-do-rio,b906a0899557e7d96302841bd8175a39hp6yc5hx.html>. Acesso em: 10 mar. 2026.

VALENGA, Daniela. **Red Pill, Incel e Sigma: conheça subculturas da machosfera**. Catarinas, 22 jan. 2025. Disponível em: <https://catarinas.info/red-pill-incele-sigma-conheca-subculturas-da-machosfera/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

VALLE, Leonardo. **O que é red pill?** Instituto Claro, 14 nov. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/cidadania/nossas-novidades/reportagens/o-que-e-red-pill/>. Acesso em: 14 mar. 2026.